

ENTRE A FÁBRICA E A TAVERNA: USOS DA PRAÇA CLÓVIS BEVILÁQUA NO FINAL DO SÉCULO XIX.

José Maria Almeida Neto¹

Resumo

Os espaços urbanos das principais cidades brasileiras sofreram significativas mudanças de usos e de valores nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras décadas do século seguinte. Essas alterações nos espaços públicos como ruas, calçadas e praças geraram tensões entre um discurso moderno e práticas desviantes. O ensaio se utiliza de fontes como Almanques e jornais para traçar um paralelo entre essas práticas que fugiam ao controle do discurso moral e urbanístico. Nas tavernas, nos *kiosques*, nos furtos se criava uma inventividade própria; com esse reconhecimento das ações como inventividade própria é que se analisam as práticas vigentes na Praça de Pelotas naquele período; para além das normas de boas condutas, dos códigos de posturas municipais ou as regras de boa convivência na sociedade emergente de Fortaleza, o que poderia ser tomado como reemprego dos usos, na busca de compreender os significados atribuídos para a cidade daquele período a partir das apropriações, das formas práticas, dos comportamentos e das visões de ordem sociais que são reelaboradas cotidianamente.

Palavra-chave. Cidade, urbanismo, espaços públicos.

Abstract

The urban spaces of the main Brazilian cities have suffered significant changes of uses and values in the last decades of the 19th century and the first decades of the next century. These changes in public spaces such as streets, sidewalks and plazas generated tensions between a modern discourse and underhand practices. The present articles uses as sources the Almanacs and newspapers to draw a parallel between these practices that fled to the control of the moral discourse and urbanistic. In taverns, in kiosks it was created own inventiveness, with this recognition of own shares as inventiveness is that we analyze current practices in the Praça de Pelotas of that period; beyond the standards of good conduct, codes of municipal ordinances or the rules of coexistence in society

¹ Mestrando na Universidade Federal do Ceará (UFC) pelo Programa de Pós-Graduação em História Social e bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP).

emerging from Fortaleza, which could be taken as reemployment of uses, in seeking to understand the meanings attributed to the city that period from appropriations, practical ways, the behavior and views of social order that are reworked everyday.

Keywords: city,urbanism, public spaces.

INTRODUÇÃO

O *bond de Pelotas* acabava de parar diante da Maison. Alguns passageiros apeavam-se, e entre eles o Campos, que trajava de preto nessa noite e trazia uma cartola espelhante dando uma aparência nova à sua figura conhecida e vulgar. A Praça do Ferreira apresentava daquele lado seu costumado aspecto de movimentação, destoando da quietação geral da cidade. Eram 6 ½ da noute. (Antônio Sales, O Pão - 1895) (*grifo do autor*).

O trecho acima é parte de uma produção literária da Padaria Espiritual². Antônio Sales escreve nessa coluna do jornal O Pão o que considerava ser o esboço de um romance. Publicado em 1º de Dezembro de 1895 na edição 29 do espirituoso jornal literário de Fortaleza no final do século XIX o texto traz uma das poucas referências na literatura à Praça de Pelotas, atualmente nomeada de Praça Clóvis Beviláqua³, em Fortaleza, Ceará.

² Agremiação literária, fundada em 1892 e que publicou até 1898 o jornal O Pão, a imprensa literária foi ativa em Fortaleza no último quartel do século XIX destacando inúmeros grêmios literários, fazia defesa da vida *in natura*, esses autores foram além do “idílio bucólico”. Formada por poetas, escritores como Antônio Sales, Com verve pessimista, misantropa e mórbida, nos livros Phantos (1893) e Dolentes (1897) eles denunciaram as redes de sociabilidades do período através de metáforas, simbolismos e alegorias. As práticas comumente empregadas pelos intelectuais em relação às estruturas de poder, aos partidos políticos e à imprensa facciosa, durante os primórdios da República se defrontaram com o desencanto nos versos tristes e soturnos compostos por esses poetas, tanto em relação ao meio social que eles pertenceram quanto às promessas anunciadas naquele momento. Para aprofundar a leitura relativas à Padaria Espiritual recomenda-se o trabalho de AZEVEDO, Sânzio de. **Breve história da padaria espiritual**. Fortaleza, CE: Ed. UFC, 2011.

³ A Praça Clóvis Beviláqua, assim como outras praças e ruas de Fortaleza, teve alguns toponímicos que foram sendo alterados de acordo com as formas de usos que o espaço foi incorporando dentro da cidade. Ainda no século XIX chamava-se popularmente como Praça do Encanamento, por ser o ponto de um chafariz instalado ali desde a década de 1870 pela Intendência Municipal. O nome oficial Praça de Pelotas (Visconde de Pelotas) é uma homenagem a um combatente da Guerra do Paraguai. A praça recebeu mais um nome até a sua denominação atual, foi no período compreendido entre os anos de 1938 – 1959 quando passou a se chamada de Praça da Bandeira, denominação ainda usual para muitos fortalezenses e por fim a homenagem ao jurista cearense Clóvis Beviláqua, não obstante é preciso evidenciar a Faculdade de Direito com seu prédio construído no espaço da Praça no final da década de 30 a qual teve importante influência para essa última denominação. (CASTRO, 1982, p. 86).

A referência ao personagem Campos nesse enredo foi mais rica, particularmente, devido às noções espaciais que Antônio Sales nos faz refletir sobre Fortaleza naqueles anos do que propriamente uma análise literária da obra, que não se fará aqui por questão de objetivos do trabalho. A Praça do Ferreira, ou simplesmente A Praça, como foi chamada por Mozart Soriano Aderaldo em seu estudo sobre este logradouro, é costumeiramente identificada como o espaço da movimentação, que mostrava em seu entorno uma cidade viva e pulsante com seus cafés e sua iluminação a gás carbônico. (ADERALDO, 1989, p. 57). Contudo, aqui não é o destino do personagem que toma destaque para uma interpretação da história, porém, para esse caso, o local de onde vinha o “*bond*” trazendo passageiros que “*apeavam-se*” é o campo de investigação desse estudo. A Praça de Pelotas, ponto de partida/ chegada da linha do bonde em contexto, teve usos bastante diversos daqueles encontrados facilmente na Praça do Ferreira ou no Passeio Público no final do século XIX e no começo do século XX, para tomar apenas os dois como exemplo. Fortaleza tinha entorno de 50 mil habitantes⁴ que ocupavam, principalmente, os espaços limitados a três boulevard, hoje nomeados como Av. Dom Manuel (era denominado de boulevard da Conceição), Av. Duque de Caxias (Antigo boulevard do Livramento) e Av. do Imperador. Sendo desse perímetro para fora um grande *areal e arrebalde*⁵. O espaço em questão, a Praça de Pelotas, ficava justamente nesse limiar. Localizada ao Sul da cidade, onde “morriam as ruas, já bastante rarefeitas [...] Distante, na Praça Clóvis Beviláqua dos dias atuais, achava-se o matadouro” local que se tornaria ponto de passagem do bonde somente nas duas últimas décadas do século XIX, com destino a localidade do Benfica e para a estrada que levava até os Arronches (atual Parangaba), assim como o caminho oposto, para aqueles que desciam até A Cidade, como era comum chamar a atual região do Centro de Fortaleza. (GIRÃO, 1979, p. 79)

⁴ O almanaque do Ceará na tentativa de coletar e mapear o crescimento populacional do Estado e da capital aponta para os números de pessoas que circulam em Fortaleza. Em 1890 – possuía 35 mil habitantes, já em 1900 esse número chega aos 50 mil habitantes e duas décadas depois em 1920 são quase 78 mil habitantes. Francisco Linhares Fonteles Neto chega afirmar quase 100 mil habitantes durante a década de 20. As secas no interior contribuíram excessivamente para o aumento da população na Capital é preciso citar as secas de 1877-79, que trouxe inúmeros retirantes para um novo ambiente e também anos posterior como em 1889/ 1900 e 1915, quando leva de migrantes chegaram à Fortaleza, contribuindo para um alargamento na ocupação dos espaços urbanos. (FONTELES NETO, 2005, p. 34)

⁵ GIRÃO, Raimundo. Geografia estética de Fortaleza. Nesse livro o autor apresenta a cidade em diversos aspectos, apresentando um mapa das ações espaciais desses sujeitos. Estava fincada a diversão elegantemente nos clubes e cafés (p. 173-206), enquanto a Praça do Ferreira, “resiste”, como expressão usada pelo mesmo autor, às reformas realizadas (p. 133). O areal da Praça de Pelotas coincidia com o espaço da cidade disciplinada urbanisticamente por Adolfo Herbster (p. 79).

Se não era um espaço privilegiado como a Praça do Ferreira, com seus vários frequentadores às 6 ½ da noite, quais eram os usos da Praça de Pelotas no final do século XIX e início do XX?

Interessa contextualizar esse espaço no âmbito da sua relação interativa dos sujeitos e suas práticas. Michel de Certeau nos convida a fazer *esquemas de operação* nos sujeitos e perceber a criação que fazem para si de um *espaço* de jogo onde encontram maneiras de utilizar a ordem imposta do lugar (ou língua). “Sem sair do lugar em que tem que viver e que lhe impõe uma lei, ela aí instaura pluralidade e a criatividade. Por uma arte de intermediação ele tira daí efeitos imprevistos”. (CERTEAU, 1998, p. 93).

E continua:

Ou seja, com os deslocamentos que substituem maneiras e “métodos” de transitar pela identificação com o lugar. Isso não impede que corresponda com uma arte muito antiga de “fazer com”. Gosto de dá-lhe o nome de “usos”, embora a palavra designe geralmente procedimentos estereotipados recebidos e reproduzidos por um grupo, seus “usos e costumes”. O problema está na ambiguidade da palavra pois, nesses usos trata-se de reconhecer ações (no sentido militar da palavra) que são a sua formalidade e sua inventividade próprias.”⁶

E com esse reconhecimento das ações como inventividade própria que se analisam as práticas vigentes na Praça de Pelotas naquele período, para além das normas de boas condutas, dos códigos de posturas municipais ou as regras de boa convivência na sociedade emergente de Fortaleza, mas o reemprego dos usos; na busca de compreender os significados atribuídos para a cidade daquele período a partir das apropriações, das formas práticas, dos comportamentos e das visões de ordem sociais elaboradas para este espaço.

O Almanach de Fortaleza (1895), somente na publicação seguinte o nome foi modificado para Almanaque do Ceará⁷, passando a informar, entre outros, dados administrativos, educacionais, comerciais do interior, contudo prevalecia sempre a cidade de Fortaleza sobre as demais localidades do Estado, informa os pontos de saída dos bondes com destino a Praça do Ferreira, como referido no jornal de Antônio Sales:

⁶ Idem. p. 93

⁷ Iniciada em 1895 com o nome de Almanack de Fortaleza e no ano seguinte ampliado o seu alcance de dados e referências, passa a chama-se Almanach do Ceará, cobrindo as informações de alguns municípios do interior. Foi fundado por João Eduardo Torres Câmara, e possuiu diversos proprietários incluído seu filho após o seu falecimento no ano de 1906, Sófocles Torres Câmara, bacharel em Direito, que prosseguiu como organizador do Almanaque até o ano de 1932. A partir dos aparecimentos da Praça de Pelotas no Almanaque analisar-se o tecido social de Fortaleza em conjunto com alguns jornais e textos da época. O estudo de Débora Macambira sobre o tempo nos Almanques é imprescindível para tomar como nota as observações aqui empregadas. (MACAMBIRA, 2010).

“parte o bonde de 6 localidade – Estação, Praia, Via-ferrea, Mororó, Bemfica, Pelotas e Matadouro”, a publicação dá sentido para perceber os deslocamentos dos sujeitos dentro da cidade de Fortaleza, possibilitando uma análise dos núcleos populacionais que se serviam (ou não) de linhas específicas e entender, portanto, a circularidade dessa população, identificando os adensamentos populacionais na cidade.

Contudo, é preciso analisar algumas mudanças, começando pela Companhia Ferro-Carril, empresa responsável pelo transporte nos bondes em Fortaleza desde o ano 1880, a qual consente em realizar nos anos seguintes à publicação desse texto no jornal O Pão algumas alterações nas linhas do bonde, incluindo aquela que fazia o trajeto Praça do Ferreira até a Praça de Pelotas. Segundo as publicações do Almanaque a partir do ano de 1897, novas linhas de bonde passaram a transitar por Fortaleza, por exemplo, com destino a Fernandes Vieira e para as fábricas de tecidos, contudo, a linha de Pelotas fora incorporada ao trajeto daquela que se dirigia ao Benfica. A praça deixou de ser local de chegada e partida e, nesse momento, tornou-se mais o espaço de passagem do bonde.

O passar dos bondes remete a uma infinidade de significados. São estes meios de transporte que dão ritmo ao progresso e aceleram os passos da modernidade, permitindo elaborar caminhos e percursos que coenham ao interesse do caminhante. Ramos Cotoco⁸, observa em seu livro, Cantares Bôemios, que “Na rua onde passa o bonde Moça não pode engordar Não trabalha, não estuda, Não descansa...é um penar”. A presença do bonde provoca novos hábitos, gestos – como relata Ramos – “Outras, de manhã bem cedo, Acordam atordoadas, Vem o bonde...ellas já surgem Co’as caras enferrujadas” - atitudes que se comportam ao uma nova marcação do tempo, não mais simplesmente pelo alvorecer, ou clarear do dia, como se dizia costumeiramente, mas baseada na hora de passagem do bonde. (RAMOS, 2006, p. 107).

Contudo, os usos do espaço da Praça não são restritos somente a passagem do bonde rumo ao Benfica, há também outros fazeres cotidianos que remetem,

⁸ RAMOS, Raimundo; CARVALHO, Gilmar de. **Cantares bohêmios**. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura do Estado do Ceara, 2006. Raimundo Ramos ‘Cotoco’, pintor, poeta e músico, é assim que a emblemática figura desse artista cearense é gravada nos estudos e livros sobre sua História. O trabalho produzido por Francisco Weber dos Anjos, intitulado - Ramos Cotoco e seus ‘cantares bohêmios’: trajetória recomposta em verso e voz (1888-1916) - talvez a principal obra de nossa historiografia que estuda esse sujeito, o qual produziu canções populares nas quais remetia o cotidiano da cidade de Fortaleza naquele período de forma jocosa, crítica e divertida e irreverente. Ramos cantou uma Fortaleza que não aparecia nos café e grêmios literários. Apesar de ser contemporâneo da Padaria Espiritual não participou deste grêmio literário. A obra escrita do autor e publicada foi justamente Cantares Bohêmios, que em 2006 foi reeditado pelo Museu do Ceará, na Coleção Outras Histórias – volume 40. (DOS ANJOS, 2008) (RAMOS, 2006).

especificamente, a este espaço, no sentido mais simples empregado por Certeau, quando define o *espaço como o lugar praticado*. (CERTEAU, 1998, p. 202) São os usos do espaço para o comércio, os quais foram registrados por João Câmara no Almanaque do Ceará, que contribuíram para pensar os sujeitos e suas ações no entorno da Praça de Pelotas. As relações que estes indivíduos criam com a praça e os signos que estes enlaces reproduzem como marca para a cidade de Fortaleza são alvo de uma interferência, regulação e identificação do espaço urbano.

Fortaleza no começo do século XX possuía a maior praça comercial dentro do Ceará, dividida entre estabelecimentos de capital estrangeiro ou locais, era a capital ponto de dispersão e consumo de produtos fabris e com maior arrecadação tributária. Nas muitas publicações do Almanaque, alguns estabelecimentos dentro da cidade ganham destaque como aqueles que se localizavam na Praça do Ferreira, Praça José de Alencar ou nas atuais Ruas Barão do Rio Branco e Senador Pompeu – são casas de tecidos, chapeós (sic), botiques de remédios e elixir – assim como as prestadoras de serviços (costureiras, alfaiates, cocheiros, bedéis e muitos outros). Em Pelotas existiam diversas tavernas, kiosques e estabelecimentos com venda de produtos importados como as casas retalhadoras de tecidos grossos; além da fábrica de sabão, que no ano de 1896 aparece como pertencente a P.A Motta e Cia, porém nos anos seguintes seria publicado com novos proprietários é o caso de 1907, quando aparece registrada em nome de Costa Martins e Cia.

Os estabelecimentos publicados no Almanaque despertam uma perspectiva de observar quem eram os sujeitos que frequentavam locais (são sujeitos diferentes aqueles que aparecem na perspectiva historiográfica quando analisados, somente, dois espaços dentro da cidade (café/taverna), proporcionando estabelecer relações com os espaços de demarcação). Primeiramente, aparecem com destaque as tavernas localizadas na Praça de Pelotas. Os espaços desses estabelecimentos foram historicamente, identificados, como locais de baderneiros, bêbados ou envolvidos com prostituição, contravenções e crimes. E diretamente, os excessos de fala e de comportamento nesses espaços suscitam na imprensa local conclamações à vigilância dos costumes daquela “gente grosseira” que perde seus controles morais habituais. Enquanto na Praça do Ferreira ou no Passeio Público os cafés e centros literários são identificados facilmente com um público frequentador com elegância e garbo, não acontece o mesmo em Pelotas.

A busca pelo cabaré, o boteco, a taverna está associada a decadência do trabalhador seja ela moral, familiar e em quanto ‘cidadão’, e vai este pouco a pouco

entregando-se a força dos vícios e da bebida perdendo os valores da sociedade, pois, nesses ambiente é o local do pecado e do vício, este imaginário aparece como antítese das representações da vida burguesa, que valorizam o convívio familiar, a formação do cidadão os quais não são símbolos de degenerescência. (RAGO, 1997, p. 196) e o discurso higienista no começo do século XX defende a tese que a pobreza e a sujeira estão vinculadas à degeneração moral e como fonte de aquisição de vícios físicos e morais.

Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar – de Margareth Rago, analisa a trajetória dos operários em São Paulo; uma cidade que almejava ser moderna como é o caso da capital paulista também no início do século XX, e como esses operários estavam condicionados a ordem da cidade esquadrihada, não apenas na planta, mas também nas práticas, encontrando táticas para antecipar a ação das estratégias do discurso moral.

As brigas e arruaças publicadas em jornais da época, em Fortaleza, ajudam a construir a partir dos usos uma referência parcial para o espaço da praça, o mais distraído leitor de diários na capital conhecia o mapa da desordem que vai se sedimentando na imprensa comercial. O Jornal do Ceará⁹ na publicação do dia 16 de agosto de 1905 noticia – “Arruaceiro preso por embriaguez no calçamento da Praça Pelotas” – é a matéria da segunda página do jornal. Segundo o jornal, Manoel Marques, carroceiro, morador do Benfica, tentou ‘*emperrar*’ com os soldados, que “o prenderam e com um facão quebraram lhe a cabeça”. O local da baderna informado pelo jornal é também espaço da violência, contribuindo para referendar um discurso moral da sociedade, que associava aos frequentadores suas ‘patologias sociais’; contudo não só a violência fica restrita àqueles que promovem “*arruaças*”, que rompem com a ordem e a moral estabelecida pelos padrões sociais de convívio, mas também os abusos dos sujeitos constituídos de certa autoridade, como os praças, ou soldados. O jornal comenta, ainda, a forma como os soldados agiram, sendo ‘desnecessários os golpes

⁹ A notícia nos jornais cearense no período do primeiro decênio do século XX continua sendo uma continuidade daquilo que estavam condicionadas as atividades da imprensa no Ceará desde o final do século XIX, um complemento do debate político que se processava semanalmente nas folhas; Geraldo Nobre nomeia de folhas os jornais daquele tempo e esclarece essa como a denominação usual na época, quando os jornais apresentavam quatro páginas, sendo a última geralmente tomada por anúncios que sustentavam muitas das publicações. O Jornal do Ceará empenhou luta contra o Governo de Accioli, assim como o “Unitário” de João Brígido, a publicação sobreviveu até 1911, quando apareceram outros jornais como a “Folha do Povo”. Publicado três vezes por semana, se dizia um jornal político, comercial e noticioso. Dirigido por Waldemiro Cavalcante, manteve em sua redação nomes conhecidos da sociedade intelectual cearense como Rodolfo Teófilo, Agapito dos Santos e Eduardo Girão, entre outros. (NOBRE, 2006).

usados', segundo o periódico. Os vários sujeitos sociais que perambulavam pelas ruas de Fortaleza eram, em sua imensa maioria, indivíduos pobres e sua condição social abria um pressuposto básico para formar o estereótipo das *'figuras perigosa'*, pela polícia, que os caracterizava como sujeitos propensos ao vício e transgressão.

A pesquisa de Francisco Linhares Fonteles Neto aponta para a preocupação de regular esses espaços e ações que envolviam as áreas mais pobres da cidade:

Procurava-se, ao máximo, restringir os hábitos dos populares, pois, para a elite de Fortaleza e as autoridades policiais, eram práticas delituosas ou que podiam gerar distúrbios associados aos jogos, prostituição, consumo excessivo de bebidas alcoólicas, representações de prazer, sociabilidade e lazer para os mais pobres¹⁰. (FONTELES NETO, 2005, p.33)

E continua sobre os ofícios da polícia quando se trata das ações no espaço das ruas e praças: “Fazia parte das atividades policiais: recolher, durante à noite, por prazo não excedente a 24 horas, ébrios, desordeiros, larápios contumazes; evitar aglomeração de desocupados em tabernas e lugares públicos”.

Na cidade a polícia se manifesta como um agente do Estado que propaga uma ação a qual se executa no território, é ela que produz imagens e descrições, que configuram simbolicamente os lugares de suas intervenções. Suas atuações e seus discursos pressupõem um espaço.

E o jornal denuncia os furtos no espaço da praça; primeiro em 1904 no Jornal do Ceará a seção é aberta com a denúncia de sucessivos roubos nas residências próximas ao *Bemfica* e prossegue com a notícia sobre a tentativa da última noite do dia 30 de novembro, segundo o jornal, “na residência de D. Phili Bacelar, ainda muito cedo, 10 e ½ da noite, um atrevido gaturno saltou o quintal e procurava abrir a dispensa, quando accordaram os creados e elle calmamente se retirou”. A notícia prossegue com a descrição da roupa que usava o suposto criminoso: “vestia calça escura, camisa branca e usava chapéu panamá de palha da terra”. (Jornal do Ceará, 30/11/1904).

¹⁰ “O policiamento do centro da cidade era feito pela *Guarda Cívica de Fortaleza*, criada por um decreto em (31 de dezembro, nº2A)40 1889, para o policiamento urbano, com a finalidade de auxiliar a autoridade policial na prevenção e execução das posturas municipais. Somente em casos “anormais” de perturbação da ordem pública, que exigissem força maior, era auxiliada pelo 1o Batalhão de Regimento Militar, devido ao número assaz reduzido de guardas, restringindo a ação apenas ao perímetro urbano, no período da noite. Em exceção, as áreas de maior movimento, como a Praça do Ferreira, Mercado Público e Ponte Metálica, recebiam policiamento até as 18 horas; as áreas suburbanas, tidas como as “mais perigosas” onde morava a população pobre de Fortaleza ficavam sem policiamento. Somente nas noites de sábado e domingo, costumava-se fazer o policiamento com o deslocamento de uma patrulha da cavalaria, enviada pelo Regimento Militar”. (FONTELES NETO, 2005, p. 34)

Mais tarde em 1911, outra vez a Praça volta a ser notícia no mesmo jornal, contudo a denúncia tem um objetivo: endereçar ao poder da intendência do município (prefeitura) o roubo de bem público: “denunciamos, há dias, o facto criminoso do furto de pedras do calcamento da Praça de Pelotas e Rua General Sampaio, nesta capital, hoje vimos trazer a publico abuso não menos inqualificável”, perceba que a notícia já é uma repetição de práticas; os sujeitos novamente aparecem utilizam estratégias que possibilitam um uso à margem do regulado: “carroceiros, não sabemos à ordem de quem, estão ocupados em tirar areia de uma das travessas que vão ter à referida praça e que passa ao lado direito da chácara do Snr. Barão de Camocim”. (Jornal do Ceará, 18/10/1911).

Dependendo de que zonas se tratem, ou de que formas se olhem, esta configuração territorial reconhece duas inflexões entrelaçadas. A que os jornais comerciais denunciam é precisa e defensiva. Ela concebe o ‘subúrbio’ como ameaça à segurança: um “fora” que aloja os focos da delinquência comum e política, latência cujo sentido norteador emana de seu potencial para transformar-se em ato na cidade mais próspera. Marco geral desta concepção, mais difusa e ampliada, a segunda inflexão sugere permissividade, oportunidade de transgressão apenas ocasionalmente realizada. Em muitos sentidos, ambas expressam a oposição entre presença e ausência do Estado, e aludem à conotação vagamente anômica de um subúrbio regido por outro Estado, sem dúvida mais precária e heterogênea em relação à salvaguarda das regras que regem a cidade.

A praça possuía também estabelecimentos comerciais que não exigiam de seus proprietários grandes recursos financeiros. Quando comparadas as informações publicadas no Almanaque sobre o valor dos impostos cobrados de cada casa comercial na cidade. Pagava-se 50\$000 mil contos de réis de imposto por taverna, kiosques, casa importadora de grosso (e retalho) e mercearias. Não é elevado quando confrontada com a fábrica de sabão que se localizava no mesmo espaço que os demais, ou seja, não tinha favorecimento de maior valorização imobiliária, e pagava nada menos que 150\$000 mil contos de réis para o tesouro da Intendência Municipal.

O incipiente processo de ocupação e uso desse espaço é identificado nos números que o Almanaque disponibiliza como endereço de tais comércios – é o caso do ano de 1904 quando 3 estabelecimentos são localizados na Praça de Pelotas, o primeiro de propriedade de Joaquim Geraldo da Cunha nº 5, o segundo pertencente à (viúva) Avelino H. de Araújo nº 1 e o terceiro de Vicente Alves Nogueira s/n. Não parece ser

um espaço disputado como aqueles dentro do ‘coração da cidade’. São endereços que possuem números de localização que não chegam aos dois algarismos, outro que a numeração se quer tinha sido posta, quando a publicação foi realizada, corroborando para pensar as embrionárias ações destinadas aquele espaço. Segundo, a morte do companheiro, marido, não impediu que a viúva de Avelino H. de Araújo mantivesse aberta à freguesia de seu ponto comercial. Apesar do Almanaque não dá nome a esta mulher, é preciso enfrentar, por mais que aqui seja feito de maneira pouco aprofundada, pois não é o objetivo, o papel de uma mulher no início do século XX enquanto proprietária de uma taverna ou mercearia. Para a época as mulheres seguiam um rígido padrão de uma sociedade firmemente patriarcal e de valores herdados do recém-acabado século XIX, quando o papel da mulher não era proeminente nas ruas, mas no lar, daquela que cuida da casa e do espaço privado, e quando saíam de casa, sempre estavam acompanhadas, ou deveria ser assim, para não despertar o ‘falatório’ da vizinhança.¹¹ Às ruas ficavam reservadas para as mulheres do meretrício, ou aquelas que tinham plena necessidade de trabalhar fora do âmbito doméstico como nas fábricas, tavernas ou bodegas vistas como espaço de desvio da boa moral e conduta¹². (CHALOUB, 2008, p. 172)

Baseado no princípio de que o arranjo físico do espaço urbano influencia determinadas práticas cotidianas e que há dinamicidade nesta relação que desencadeia mudanças no fazer cotidiano e, por consequentemente, na desorganização/organização do espaço, as práticas urbanas operam em duas direções: as da regulação ou autodisciplina e suas formas contrárias de distorções ou indisciplina. No espaço social da Praça criam-se instrumentos da mudança de seus usos, tomando novas práticas preparadas por grupos sociais distintos, que à medida que esse espaço disciplinar é

¹¹ Adolfo Caminha no livro *A normalista* construiu essa Fortaleza ‘fofoqueira’ e de ‘querelas’, onde a imagem de cada indivíduo, as companhias, os locais que frequentam e com a frequência que iam era importantes para manter a honra e o respeito da família. Foi nesse ambiente da capital que cresceu, sobre os olhares desejosos de seu padrinho, Maria do Carmo, estudante da Escola Normal. Foi tomada pelo autor para deflagrar todo o ressentimento que tinha este com a sociedade fortalezense na qual teria ele sido acusado, justamente, pelo ‘falatório’ do povo de uma suposta traição com uma mulher casada e da alta camada social. O fim de Maria do Carmo é um escracho que demonstra toda a hipocrisia, que Adolfo Caminha, encontrara em Fortaleza.

¹² As análises dessas relações nos esclarecem como esta população dividia seu espaço, quais eram os valores que norteavam os seus relacionamentos. Os padrões de comportamento desejados pela sociedade eram determinados pela classe dominante, burguesia comercial, que caracterizava as relações dos despossuídos como marcadas pela desordem e pela promiscuidade que invariavelmente culminaria com a desagregação familiar CHALOUB, Sidney. *Lar, trabalho e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. Campinas, SP: Unicamp, 2008, p. 172.

criado, novas redes são formadas, existindo uma maior complexidade do uso do espaço público.

Ainda na praça era possível encontrar a fábrica de sabão que, pelo menos, desde 1896 se localizava naquela área, no ano citado era de propriedade de P.A Motta e Cia, conduzido a partir dos Almanques é possível verificar a permanência desta no local e as mudanças de proprietários. Em 1906, a fábrica aparece pela primeira vez registrada em nome de Costa Martins e Cia e uma década depois O Jornal, periódico de Fortaleza na época, anuncia em suas edições, semanalmente, a venda de sabão “amarelo, em caixa de 12 kilos, a 5\$ 600, na fábrica Gurgel, na Praça de Pelotas”.

A fabricação e venda de sabão, por um período tão extenso, desperta cuidadosa problemática sobre as atribuições que poderia se fazer com o espaço da Praça. A cidade de Fortaleza crescia pelo menos em dois vetores, é o que se pode constatar com as plantas produzidas por Adolfo Herbster, na segunda metade do século XIX, na direção do Jacarecanga, mas com o discurso médico-sanitarista sobre os miasmas e proliferação de doenças a partir da contaminação por vias aéreas, logo foi abandonado esse intento e passou a valorizar a região do Outeiro (conhecida hoje como Aldeota), e o segundo vetor: aquele que direcionava a marcha de ocupação rumo ao Benfica, direção da Praça de Pelotas.

Conforme observado por J. L. Castro essa área da praça até o fim do século XIX não estivera completamente adensada populacionalmente, contribuindo com a instalação de alguns fábricas que perderam espaço nos terrenos mais internos da cidade de Fortaleza por conta da valorização dos mesmos e no caso da fábrica de sabão, assim como naquelas de óleos e descaroçamento de semente, o mau cheiro que exalavam destas devido os produtos que forneciam. A referência ao odor se faz também com outro estabelecimento citado no Almanaque do Ceará. No ano de 1896/97 – e voltando a aparecer nos anos de 1905 e 1906 o açougue do Sr. Valente Alves de Oliveira, localizado na Praça de Pelotas, permite perceber uma geografia marcada para certo tipos de atividades com respectivas área da cidade. (CASTRO, 1982, p. 78)

O açougue e a fábrica de sabão reúnem atividades de intensa proliferação de mau cheiro, atração de insetos e animais de rua que procuravam esse espaço, principalmente os açougues, para saciar suas necessidades alimentares, provocando desconforto a muitos sujeitos melhor abastados. Geralmente, regiões que abrigavam os estabelecimentos comerciais como açougue, matadouro, fábricas que liberavam substância ou odores estavam segregadas a locais menos valorizados do espaço urbano.

Importante pensar o trabalho de Raquel Rolnik, que analisa a mudança da segregação dos espaços na cidade¹³, e propõe que na geografia da cidade está a marca da constituição da ordem social.

Pode-se afirmar que o trato com os espaços da cidade se faz de modo análogo com aquele empregado ao ‘cidadão’. Com a República instaurada, criam-se novos mecanismos de distinção social que não estão, necessariamente, ligadas a condição de cativo como antes de 1888, mas as cidades conhecem uma hierarquização espacial que define os vários lugares dos diversos grupos sociais; esta é a tese defendida por Rolnik, quando observa os territórios e a constituição dos poderes que são exercidos neles. (ROLNIK, 1993, p. 40)

Usos fragmentados e moldados à luz do *corpus* de fontes, aqui pensado a partir de Almanques e Jornais, especificamente, que remetem a algumas experiências dos sujeitos entre si e construções dos espaços na cidade. Partimos da Praça de Pelotas para evidenciar usos da cidade de Fortaleza e analisar como esta ‘obedecia’ ou não um sentido ‘disciplinado de crescimento’ que organizava mais que as retas, mas as condutas e as imagens dos sujeitos nos lugares também. Evidenciamos os usos de maneira parcial, contrariando qualquer força que se faça entender como sendo os únicos processos estabelecidos.

¹³ ROLNIK, Raquel. A cidade e a lei: legislação, política, urbana e territórios na cidade de São Paulo. São Paulo: Studio Nobel: Fapesp, 1997.

REFERÊNCIAS

- ADERALDO, Mozart Soriano. **A praça**. Fortaleza: R. Esteves Tipoprogresso, 1989.
- AZEVEDO, Sânzio de. **Breve história da padaria espiritual**. Fortaleza, CE: Ed. UFC, 2011.
- CAMINHA, Adolfo. **A normalista**: romance cearense. 6. Ed. Fortaleza, CE: Editora ABC Fortaleza, 1997.
- CARDOSO, Gleudson Passos. **Padaria Espiritual**: biscoito fino e travoso. 2ª. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura do Estado do Ceara, 2006.
- CASTRO, Jose Liberal de. A cidade: cartografia urbana fortalezense na colônia e no império e outros comentários. **Fortaleza: a Administração Lucio Alcântara Marco 1979/Maio 1982**. Fortaleza: Prefeitura Municipal, 1982.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: a arte de fazer. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle epoque. 2. ed. Sao Paulo: UNICAMP, 2001.
- DOS ANJOS, Francisco Weber. **Ramos cotoco e seus "cantares bohêmios"**: trajetórias (re) compostas em verso e voz. (1888-1916). Dissertação (Mestrado) em Historia. Universidade Estadual do Ceará, 2008.
- FONTELES NETO, Francisco Linhares. **Vigilância, impunidade e transgressão**: faces da atividade policial na capital cearense (1916 - 1930). Dissertação (Mestrado) em História Social. Universidade Federal do Ceará, 2005.
- GIRÃO, Raimundo. **Geografia estética de Fortaleza**. 2. Ed. Fortaleza: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1979.
- MACAMBIRA, Débora Dias. **Impressões no tempo**: os almanaques no Ceará (1870 – 1908). Dissertação (Mestrado) em História Social. Universidade Federal do Ceará, 2010.
- MOTA, Leonardo. **A padaria espiritual**. Fortaleza: Edesio, 1938.
- NOBRE, Geraldo. **Introdução à história do jornalismo cearense**. Edição fac-similar. Fortaleza, CE: NUDOC, 2006.
- RAGO, Luzia Margareth. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar, Brasil: 1890-1930. 3. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- RAMOS, Raimundo; CARVALHO, Gilmar de. **Cantares bohêmios**. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura do Estado do Ceara, 2006.

ROLNIK, Raquel. **São Paulo na virada do século:** território e poder. In: Cadernos de História de São Paulo. São Paulo: Museu Paulista da Universidade de São Paulo, 1993.

_____. **A cidade e a lei:** legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP, 1997.